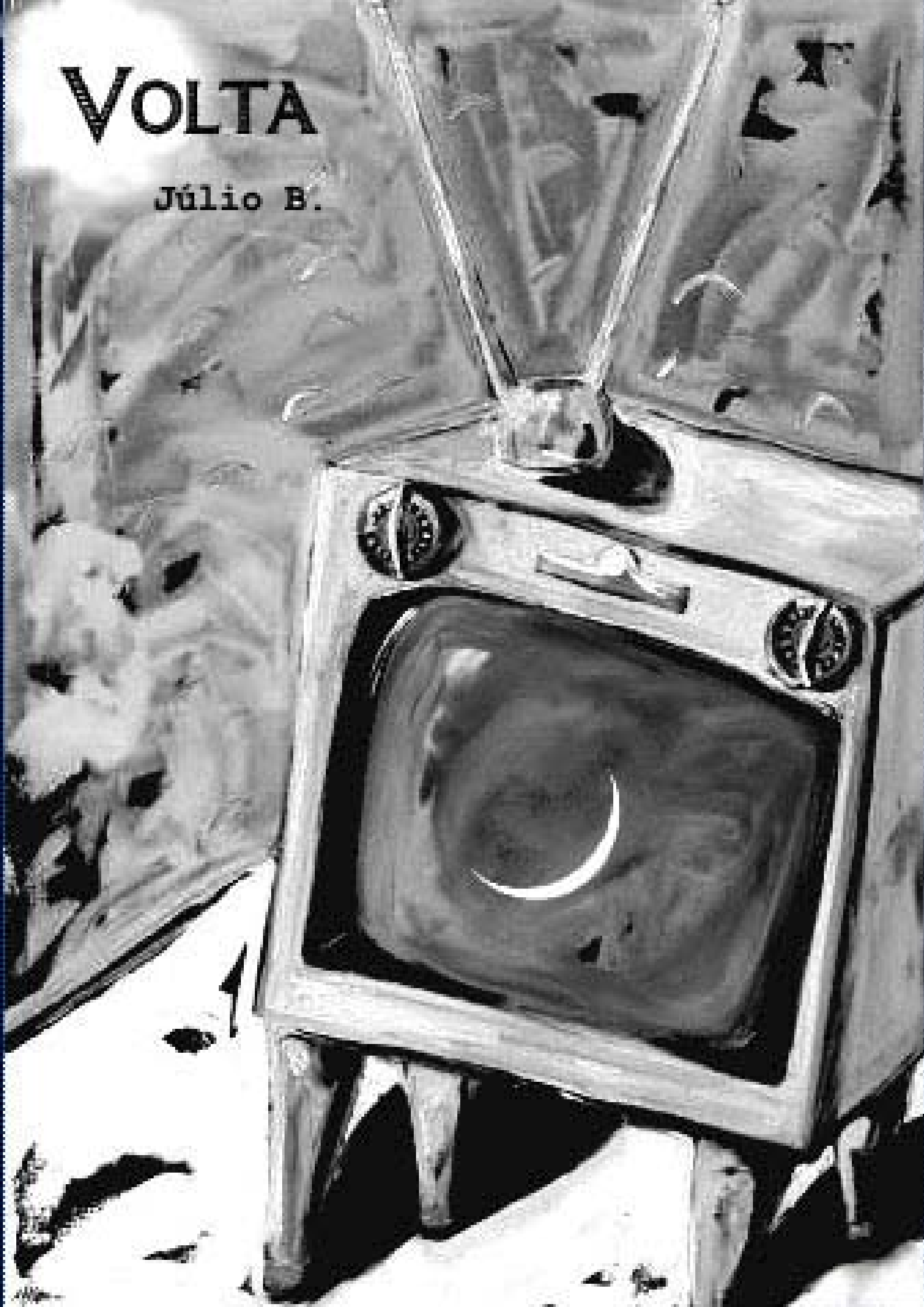


VOLTA

Júlio B.



Volta

I. Cristóvão

Porque era enluarada a noite, Cristóvão preferiu não sair pra trabalhar. Podia até ter lá o seu romantismo, mas entrar na casa dos outros assim, na noite clara, ah, isso era arriscado demais. Vida de ladrão não é tão fácil assim como vocês pensam, ele sempre dizia aos chegados. Ainda mais de um medíocre ladrãozinho suburbano. Desistira há tempos de assaltar casa de rico. Dava trabalho demais aprender todas aquelas coisas de alarme. Se tivesse cabeça pra essas coisas, fazia logo um curso técnico e ia trabalhar com seu tio na loja de conserto de televisão, ele respondia aos colegas que tentavam convencê-lo a se modernizar na profissão.

Assaltar casa de pobre era comer carne de pescoço, mas era mais seguro. Mais vale um pássaro na mão... você sabe. De vez em quando, um aparelho de som bacana, ou uma bicicleta mais cara. Computador, só desses grandes e difíceis de carregar. O tal de notebook, bem, nunca tinha tido a sorte de encontrar um. Diziam que dava uma grana. Mas a especialidade de Cristóvão era mesmo televisão. Mesmo de pobre, toda casa tem uma, não é? Sim, elas também eram difíceis de carregar, mas como ele tinha o esquema com o tio da loja de conserto...

Sua mãe era evangélica, e fingia não ver todas essas coisas debaixo do seu nariz, e rezava todas as quintas e domingos para que os filhos não se perdessem nos perigos do mundo. Mas Cristóvão se enveredou em ofícios ilícitos cedo demais para sofrer qualquer influência da mãe. Escola não era pra ele. De pequenos furtos em mercadinhos a assaltos à mão armada, ele foi dando um jeito de sobreviver dia após dia. Mas nunca disparara um tiro na vida, fazia sempre questão de salientar.

O irmão mais velho sempre fora estudioso, do tipo responsável, e o que conseguira na vida? Um emprego de motorista de ônibus? E ele é que era o Cristóvão. Sua mãe, ainda católica ao batizá-lo, pensou que homenageando o santo conseguiria a graça de ter o filho na profissão por ele abençoada. Bem, só errou o filho. O idiota do irmão mais velho ralava todo dia, com chuva ou com sol, com horário determinado pelos chefes, pra ganhar um salário de merda, bem menos do que o irmão ladrão tirava por mês.

Cristóvão queria mais da vida... Não sabia exatamente o quê, mas sabia que queria. Tudo em volta era medíocre demais. A irmã tinha engravidado de um vagabundo, e agora os dois só ficavam amancebados lá no quartinho dos fundos, sem fazer nada da vida. Os dois irmãos mais novos ainda estudavam, na velha ilusão vendida pelo sistema de um dia subirem na vida, de saírem daquele buraco. Um se converteu pra igreja da mãe, e o outro seguia também caminhos tortos como Cristóvão. E o único ponto em comum entre todos, além do sangue, era o mau humor ressentido com o mundo que permeava suas relações. Era um inferno.

Cristóvão já havia pensado mil vezes em dar no pé. Não precisava agüentar aquilo todo dia. Não! A mãe ouvindo aquela maldita rádio da igreja, o sobrinho recém-nascido chorando o tempo todo, o cachorro latindo, o irmão metido a rapper com aquelas músicas insuportáveis, e sempre gente discutindo por alguma coisa. Qualquer coisa. Um falando mal da vida do outro. Como se não estivessem todos no mesmo barco em naufrágio. Não havia como não pensar em dar no pé.

Mas aí faltava aquela coragem final! Dinheiro não seria o maior problema. Era só alugar um barraco ali pela comunidade mesmo. Nem sairia tão caro. Podia ainda comer na casa da mãe, e levar a roupa pra ela lavar e passar, e essas coisas todas que homem não faz. Era tudo muito pé no chão. Só faltava mesmo aquele impulso que precede uma mudança brusca. Cristóvão esperava o empurrão salvador.

Pensou também em ir morar com Quênia. Juntar as trouxas, construir uma casinha, tinha visto um terreno lá na outra rua... afinal, já eram dois anos de namoro! E ele gostava dela de verdade. Quênia não era como as outras garotas, descabeçadas, que caem na lábria de malandro. Cristóvão teve que ralar muito pra conseguir sair com ela. Moça direita, trabalhadeira, não podia nem sonhar com a forma que o namorado ganhava a vida, o que o obrigava a tomar todos os cuidados do mundo para que ela não descobrisse.

Quênia era moça pra casar. Às vezes, Cristóvão se perdia em pensamentos de como seriam os bacurizinhos dos dois, domingos na praia, passeios em parques. Mas Quênia era pra casar, e não iria morar com ele assim, sem papel passado, sem

casamento na igreja, sem a porra do compromisso. E tinha todo aquele papo dele arrumar um emprego, de ter responsabilidades, de ser um homem feito, e toda aquela inserção social politicamente correta que Cristóvão nunca conseguira engolir. Oras, ele sempre conseguiu se virar do seu jeito.

II. O Casebre do Beco

Mais uma noite, uma lua nova. Mais uma casa dando bobeira num beco escuro de subúrbio. Já estava de olho desde a noite anterior, não tinha ninguém. Era um barraco de dar dó, mas Cristóvão precisava da grana pra pagar a prestação de um tênis que comprara parcelado. Ele que não era louco de tentar roubar sapataria de shopping. Já a casinha... A porta era da mais vagabunda, da mais fácil de arrombar. Não foi nenhum esforço entrar na casa. Só fez um pouco de barulho porque essas portas de metal são assim mesmo, escandalosas. Olhou na sala, conjugada com a cozinha, e não havia nada que valesse a pena a ser roubado. Entrou num dos dois quatinhos, e até que tinha um rádio-relógio e, pra variar, uma televisão. Já dava pro gasto.

Mas aí ouviu uma tosse vinda do quatinho ao lado. Uma tosse desagradável, adoentada. Era melhor dar logo no pé. Mas se bem que parecia ser de criança. Podia ser da casa ao lado. Ah, melhor não arriscar e ir logo embora. Mas ia levar pelo menos a TV. Foi desligar da tomada e acabou derrubando a antena. O bombril na ponta amorteceu a queda, nem fez tanto barulho.

A tosse não havia se repetido. Vai ver que tinha sido coisa da sua cabeça. Mesmo depois de tantos anos, Cristóvão ainda ficava nervoso durante os assaltos, diante a ilegalidade injustificável de seus atos. Enrolou bem a tomada, e colou com durex na TV, pra não sair se arrastando. Foi na ponta dos pés abrir a porta do quarto enquanto tinha as duas mãos livres. Abriu, e teria voltado pra buscar a TV na mesinha de bar onde ela ficava, e teria ido embora com ela logo em seguida, teria pagado a prestação, continuado sua vidinha, teria, não fosse por um menino desganhado e remelento estar plantado feito uma assombração à porta:

- Tio, minha mãe tá aí com você?, perguntou ele com uma naturalidade que fez o ladrão gelar por dentro.

- Sua mãe? Não tá não. Mas eu só vim buscar uma coisa, e já estava indo embora, respondeu Cristóvão, ainda alheio à naturalidade do menino, e sem saber o que fazer.

- Ela tá demorando. Quando é que ela não chega? Já passou da hora de tomar minha vacina. Você pode aplicar pra mim, tio? Eu não dou conta.

Cristóvão estava mais atônito do que nervoso. Teria dito sim pra qualquer coisa que o menino tivesse pedido. Considerava ainda que tivesse sido flagrado em pleno assalto, e subjugava-se portanto. O menino agarrou-o pela mão e o conduziu até o quarto ao lado, falando sobre doces que não podia comer e outras coisas de criança, com um sotaque bem diferente. Até que era espertinho pra idade, Cristóvão pensou. Devia ter cinco ou seis anos, e magrinho de dar dó. Estava de pijama, e fedendo a leite azedo. A casa toda fedia a leite azedo. O menino foi ao guarda-roupa, pegou uma caixa cheia de seringas e deu ao tio.

- Ei, isso aqui é injeção! Sem chance de eu fazer isso, moleque.

- Mas eu não dou conta, tio. Tem que dar no bumbum, porque eu sou magrinho. Quando eu crescer, aí eu mesmo vou poder aplicar, aqui, na barriga. Mas no bumbum eu não consigo..

- Mas eu não sei fazer isso, eu nunca apliquei uma injeção na vida. Eu posso até acabar machucando você.

- Não tem problema, eu já estou acostumado. Nem choro mais. Quando o namorado da minha mãe era o tio Rondon, ele sabia aplicar a vacina que nem doía. Ele trabalhava na farmácia. Ele me ensinou. É assim: pega a seringa, enfia no vidrinho, aí vira, puxa, bate pra tirar as bolhinhas...

Cristóvão aplicou a injeção no menino alheio à sua cisma de agulhas, já que sua cabeça na hora remastigava a expressão que o pobrezinho usou: "namorado da minha mãe". Isso fez a ficha de Cristóvão cair. O menino nem sequer se tocara de que ele estava ali ilicitamente. O coitado estava pensando que era um namorado da mãe, ou amigo, algo assim. Coitado mesmo! Será que era comum pra ele encontrar um homem estranho dentro de casa?, perguntou-se Cristóvão, compadecendo do menino, enquanto lhe aplicava, muito sem jeito, a vacina.

- E como você se chama, meu amiguinho?

- Benim.

- Benim? Mas isso é nome ou apelido?

- Não sei. A minha mãe me chama de Benim.

- Mas qual o seu nome de verdade.

- Benim.

- Tá certo, Benim. Agora o tio tem que ir, sabe, já está tarde. Eu só vim pegar a televisão que a sua mãe pediu pra levar pra consertar.

- Ué? Tá estragada? Eu vi desenho hoje de manhã e tava boa.

O mundo pode ser só um grande chiqueiro injusto, e esse papo de dez mandamentos pode ser só uma grande tolice pra controlar as atitudes pessoas, e essa tal de lei de propriedade pode ser só uma maneira dos ricos se manterem ricos e os pobres terem de trabalhar como burros, mas daí a tirar de uma criança a televisão na qual ela vê os seus desenhos, aí já era demais. Cristóvão tinha sentimentos.

- Ah, vai ver que ela consertou sozinha então. Se der problema de novo, fala com a sua mãe pra me procurar.

- Tá bom, tio. Mas minha mãe tá demorando. Você sabe onde ela tá?

- Não sei não. Quando foi que ela saiu mesmo? Ontem? Sabe, é perigoso você ficar aqui sozinho. Não é melhor você ir pra casa de um parente seu?

- A gente não tem parente aqui. Minha mãe falou que eles moram no Paraguai, e que nas férias dela a gente vai lá. Você já foi ao Paraguai, tio?

- Não, nunca fui. Mas, Benim, o tio vai falar uma coisa séria com você. Amanhã, se a sua mãe não chegar, vai pra casa de um vizinho, ou de um conhecido. Não fica aqui sozinho. É perigoso.

- Mas eu não conheço ninguém. A minha mãe falou que só tem gente que não presta nesse beco. Ela falou que não era nem pra eu sair de casa, porque a velha da casa azul rouba os meninos e leva pro meio do mato, pra trabalhar de graça pra ela. E ela não deixa nem ver televisão.

Foi a palavra "rouba" que deu outro peteleco no desconfiômetro de Cristóvão. Ele precisava dar no pé o quanto antes. Vai que a mãe do menino chega de repente? Ou algum conhecido? Como ele ia explicar sua presença ali? Nem todo mundo tinha a boa fé de Benim, ele sabia bem. E Cristóvão se mandou, sem a TV, nem nada de valor, e ainda tentando digerir o que acontecera sob a lua nova daquela noite.

III. O Menino Sozinho em Casa

As estrelas no céu demarcavam os vértices do labirinto que Cristóvão percorria em seus pensamentos doloridos. Nem dormiu aquela noite. Atrasou a prestação do tênis. Não ia morrer por isso, os juro nem eram tão altos assim. Ou, se eram, que diferença fazia? Havia um menino abandonado dentro da própria casa em algum lugar perdido da cidade. E Cristóvão sabia onde. Que tipo de mãe desnaturada faria algo assim? Será que o coitado tinha pelo menos o de comer? Deixar uma criança passando fome devia dar pena de morte. E, pra piorar, o menino tinha aquele lance macabro da vacina. Ainda repugnava todo só de lembrar que aplicara uma injeção em alguém. Em alguém tão frágil. Será que ele tinha o de comer?

Cristóvão decidiu sondar a casa de Benim um pouco mais, pra ver se alguém aparecia pra tomar conta do menino. Ficou preocupado com a situação. E não foi preocupação à toa não. Vigiou por um dia inteiro, e nada de alguém entrar ou sair da casa. Até que certa hora da noite a barra ficou limpa, e ele decidiu ir ver se Benim ainda estava lá. A porta estava como ele havia deixado, apenas cerrada. Qualquer um poderia ter entrado. Com qualquer tipo de intenção! Com tanta gente ruim nesse mundo! Deus do céu!

A casa ainda cheirava a leite azedo e poeira. Foi direto ao quarto de Benim, e lá estava o pequenino. Franzino. Dormindo. Era um menino bem bonito, se você olhasse direito. Só precisava de um trato, uns cuidados de mãe. Se fosse filho seu, não ficaria jogado assim, como uma trouxinha de roupa suja. Foi até a geladeira. Só havia uma velha garrafa de refrigerante pela metade de leite e dois pacotes de bolacha água e sal. Que tipo de alimentação era essa? Abriu o leite e era quase um queijo. Bem quando fez essa piada um rato saiu debaixo da geladeira e passou por entre suas pernas. Com o susto, deixou cair o leite, e o cheiro de azedo reinou

mais soberano ainda no silêncio que veio depois. Até Benim começar a chorar. Deve ter acordado com o barulho, pensou Cristóvão, e foi ver o que era.

O rosto do menino estava pálido, e o quarto cheirava xixi. Estava todo molhado! O pobrezinho tinha mijado na cama. Respirava pela boca com dificuldade entre soluços, um hálito adocicado. Cristóvão não sabia o que fazer. Tentou fazê-lo parar de chorar, mas não tinha jeito. Não era daqueles choros de criança birrenta. Era um choro doído. Então era isso o que acontecia se ele não tomasse a vacina! Pegou Benim no colo. Tão magrinho, coitado, quase nem pesava nada. Disse em seu ouvido que estava tudo bem, que o tio estava ali pra cuidar dele. Mas o choro não cessava. E a noite adentrava, o menino chorava, e Cristóvão não sabia mais o que fazer.

No desespero, ligou pra Quênia. Ela era certamente o tipo de pessoa que saberia o que fazer numa situação daquelas. Ele inventou que era o filho de um amigo que ele estava visitando, pediu desculpas por ligar tão tarde, e foi instruído a levar o menino pro pronto socorro da cidade. A moça da recepção, que preencheu a ficha, perguntou o que Cristóvão era do menino.

- Eu sou tio. Os pais dele viajaram, e ele ficou lá em casa, pra minha mãe olhar. Só que ela foi num velório de uma conhecida, e deixou o menino sozinho. Quando eu cheguei em casa ele estava assim. Você acha que é sério? Pelo amor de Deus, não pode acontecer nada com esse menino!

- Calma, moço. O doutor já está olhando o seu sobrinho. Vai ficar tudo bem.

Cristóvão achava que diabetes era doença de mulher velha. Lembrou de uma tia diabética que tinha morrido. Mas um menino tão novo! Se ele tivesse tomado a injeção, isso não teria acontecido. O doutor disse um monte de nomes com hiper e hipo, e também glicose e insulina. Disse que Benim precisava tomar a injeção todo dia. Disse o que podia e o que não podia comer. E também deu várias instruções para Cristóvão sobre a higiene pessoal do menino. Um sermão, na verdade.

Benim só teria alta no outro dia pela manhã. Cristóvão passou a noite ali, no hospital mesmo, andando de lá pra cá, assuntando os casos das pessoas que chegavam ao pronto socorro, indo na cozinha tomar um cafezinho. Tinha uma enfermeira que era muito simpática com ele. Até arrumou uma cadeira pra ele se sentar. Se não fosse por Quênia, ele até chegava junto.

- Tio, cadê a minha mãe?

- Até que enfim você acordou, moleque! Já estava ficando preocupado.

- Acordei, tio. E a minha mãe, cadê?

- Sua mãe precisou viajar pro Paraguai, pra resolver uns problemas. Aí, você ficou doente e o tio te trouxe pro hospital.

Mas não se preocupe, vai ficar tudo bem.

- Não tem problema, eu já sou grande, não tenho mais medo de hospital, nem de tomar injeção.

- É, você já é mesmo um hominho.

- E a minha mãe, quando ela volta?

- Assim que ela resolver as coisas por lá...

- Mas vai demorar?

- Eu não sei, Benim. Agora vamos pra casa?

Uma sensação agradavelmente confortável invadiu Cristóvão ao fazer tal convite. Casa. Nunca lhe soara tão bem dizer isso: vamos pra casa! Era como se fosse mesmo um refúgio, um recanto longe dos problemas do mundo onde ele poderia se recolher. Muito diferente daquelas paredes tensas dentro das quais morava com sua família. Era um lugar para o qual Cristóvão sentia vontade de ir.

Mas nem era a sua casa, era a casa do menino. Só que Benim era um moleque todo doentinho, e sem ninguém por ele. E lá seriam só os dois. A mãe sumira. Ninguém ia reclamar a casa. Então, por que não? Por que não ficar lá, tomando conta do menino... Não estava fazendo mal pra ninguém, estava? Loucura! Isso era uma loucura! Era arriscado demais! Um invasor de lares calejado como Cristóvão sabia que lá ia viver sempre na iminência de ser apanhado em flagrante. Talvez até não fosse preso por invasão de

domicílio, mas aí seria por abusar do menino. Hoje em dia, sempre acham que um adulto e uma criança juntos é abuso sexual. Cristóvão já tinha passado algumas noites na cadeia uma vez. Sabia o que faziam com esse tipo de perverso.

Levou Benim de volta pra casa. À luz do dia. Andando pela cidade descontraído, segurando a mão do menino tranqüilamente, certo de que todos viam que ele era apenas o responsável, aquele que dava proteção e direção ao pequenino. Ia mostrando os carros, falando os nomes, as vantagens e os defeitos de cada um. De vez em quando, contava uma história relacionada com algum lugar pelo qual passavam, mas omitia os detalhes da ocasião em que estivera por ali a trabalho. Benim ouvia com gosto, brincava até com o vento.

Chegaram enfim ao beco. Cristóvão ainda pensou mais uma vez se deveria... Sim, deveria! O frio na barriga foi grande, mas ele sabia que precisava agir naturalmente. Sabia que os primeiros olhares dos vizinhos seriam os mais difíceis de enganar. Mas já era hábil nessa farsa de não estar fazendo nada demais. A vizinhança toda os viu entrando no barraco. O dono da venda na entrada do beco, a velha da casa azul, a que pega os meninos e leva pro meio do mato, a vizinha do lado, numa cadeira de rodas, a vizinha da frente, lavando roupa. Ninguém pareceu estranhar. Cristóvão respirou.

O leite no chão já estava duro, salpicado de moscas, mas a maioria ainda sobrevoava a pia da cozinha. É, a casa precisava de uma faxina urgente! Mas Cristóvão nunca tinha pegado numa vassoura na vida. Foi até a vizinha da frente, que ainda lavava roupa, e perguntou quanto ela cobraria pra dar uma geral na casa. A vadia cobrou os olhos da cara, mas o que Cristóvão podia fazer? Limpar ele mesmo? Não agüentava nem chegar perto do banheiro.

- Aqui, meu filho, só dá pra terminar de limpar esse chiqueiro de tardezinha. Ave Maria, aquela índia era porca, hein?

- Índia?

- Ninguém aqui sabe o nome dela. A gente só chama aquela puta de índia mesmo.

- Não fala uma coisa dessas na frente do menino!

- Ele não tá ouvindo, tá entretido com a televisão.

- Mesmo assim, é a mãe dele...

- Não repara, meu filho. Aqui todo mundo fala assim mesmo. Mas, me conta, qual é o nome da sua cunhada?

- É... Assunção!

Assunção. Foi o melhor que ocorreu a Cristóvão. Treinado pela vida na arte de responder no improviso, de ter sempre na ponta da língua uma resposta socialmente aceitável para qualquer intervenção, seja de um policial ou segurança, seja de um civil qualquer. Sabia que a mãe de Benim era paraguaia. Tentou a primeira coisa do Paraguai que veio à cabeça. Contrabando não seria um bom nome. Definitivamente. A capital. Sim, sim, era isso.

- Assunção? Isso não é nome de homem, igual o Fábio Assunção?

- Ah, não. No Paraguai é nome de mulher.

- Ela é paraguaia? Ela falou pro dono da venda que era espanhola. Olha pra você ver, que metida! Falsa igual às coisas do país dela. Vai dar certinho ela mexer com esse negócio de muamba. Mas isso só pode ser coisa do seu irmão, porque aquela lá não tem cabeça pra nada. Eu tenho uma sobrinha que mexe com esse negócio de muamba também. E até que ela vive bem, viu!

- Tá bom, dona. Mas a gente precisa ir, essa poeira toda não é boa pro menino. Coitado, é todo doentinho!

- Coitado mesmo, viu! Esse menino vive jogado pros cantos, é de dar dó. Até me admira que ela tenha arrumado você pra cuidar dele enquanto ela tá viajando.

- É, meu irmão me falou que ela é sem juízo assim mesmo. Mas a gente já vai indo então. Lá pelas cinco a senhora acha que já terminou?

Cristóvão precisava passar na loja do tio pra receber um dinheiro, coisa pouca, só pra pagar a faxina mesmo. Estava duro. Depois disso, teria a tarde toda pra passear com Benim, idéia esta que lhe agradava de modo agradavelmente peculiar.

IV. O Pai

O sol ia alto no céu, perdendo apenas as sombras e as pessoas de bom coração. Cristóvão sentia-se quase um santo naquela manhã. Mas não podia aparecer com Benim na loja do tio, assim, sem uma boa explicação. De onde arrumara um menino de uma hora pra outra? Precisava pensar em algo logo. Ficou dando voltas pelo bairro, debaixo das marquises, das copas das árvores, segurando a mão do menino, olhando para os dois lados antes de atravessar a rua. Sentou na praça. Comprou um picolé pra Benim, que era só alegria.

Viu uma cabeleireira fumando um cigarro, sentada à porta do salão, com um decote certamente maior do que a própria blusa. Só podia ser silicone! Benim bem que precisava dar um trato na lataria, ele se justificou. Foi falar com ela. Apresentou o menino como sobrinho. Já lhe saía pela boca como uma verdade absoluta. E a atenção que lhe era dada por ser tio era diferente da atenção que recebia quando apenas flertava com as garotas. Mulheres gostam dessa coisa família, ele concluiu.

O papo estava bom, o decote revelava muito mais quando se estava de perto, mas Cristóvão percebeu que aquela era a oportunidade perfeita de ir à loja do tio: deixando Benim num lugar seguro. Disse à cabeleireira que ia ao banco e que já voltava, que ela podia ir cortando o cabelo do sobrinho. E foi então que ela perguntou:

- E é pra cortar como?

Como Benim não se pronunciava a respeito, Cristóvão entendeu então que aquela decisão cabia a ele. E compreendeu naquele momento que era muito mais do que isso. Perdeu um pouco o sorriso no rosto, o que ganhou em seriedade. Perdeu o sentimento de pureza quase santa, e sentiu o peso da responsabilidade. É que se tratava de algo muito maior do que escolher o corte de cabelo de uma criança. Ele passara a ter poder sobre aquela vida. Poder e dever. Poder de se impor. Dever de cuidar dele. O que ele comeria, como se vestiria, a que horas ele deveria ir pra cama, quais palavras poderia falar, quais programas de TV seriam construtivos para sua educação. Educação. Também isso cabia a ele. Em breve epifania, sentiu-se pai.

- Ah, pode cortar meio indinho. Sabe aquele corte tigelinha?

O tio de Cristóvão não gostou nada de vê-lo entrar na loja. Já tinha dito que só teria a porra do dinheiro no fim de semana. Cristóvão explicou que era urgente, problema de família, e o velho saiu resmungando rumo ao depósito. Voltou cinco minutos depois, contando o dinheiro e listando todas as coisas para as quais ele fazia falta. Deu uma ajeitada na protuberante barriga, limpou a garganta e deu um último sermão no sobrinho sobre respeitar os prazos estabelecidos. Porra, esse negócio também tem de ter ordem! Aí, entregou o dinheiro.

Cristóvão saiu pelas ruas fazendo contas mentais. Precisava pagar a prestação do tênis, a cabeleireira, a faxineira, e fazer umas compras pra casa. Criança precisa se alimentar direito. Mas também não podia gastar tanto assim. É, gasta-se mesmo uma nota com esse negócio de filho!

Procurou pelo resto da tarde fazer coisas que fossem de graça. O bom é que Benim parecia se divertir com tudo. Um caminhão da coca-cola com um urso polar, os meninos jogando malabares nos semáforos. Até jogou futebol com Cristóvão com uma bola improvisada de cartazes amassados, daqueles que estão por toda parte da cidade, do desaparecimento do menino Galvão Brasil. Pra você ver como é o mundo! Uns pais desesperados atrás dos filhos perdidos, outros abandonando os coitadinhos por aí! Meninos trabalhando ao léu, sem quem valha por eles, outros sendo tirados de quem cuida deles. Mas tinha uma explicação: o menino Brasil era muito bonito, vistoso, cabelos loiros cacheados, parecia até um querubim. Já Benim, coitado, todo doentinho e desmilingüido. Se bem que o novo corte de cabelo tinha lhe dado um novo ar, mais gordo, mais vívido. E Benim não estava mais abandonado, agora ele tinha quem cuidasse dele.

A vizinha cobrou os olhos da cara pela faxina, mas pelo menos fez direito. Cristóvão custou a acreditar que era mesma casa. Tinha até mesa e cadeiras! A sala cheirava a cera, e o banheiro a pinho-sol. O vaso estava branco, e a geladeira estava limpa. E vazia. Ainda bem que ele trouxera umas coisas do mercado. Mandou Benim ir tomar um banho, cabelo cortado coça. Benim obedecia a tudo que era mandado sem reclamar. Cristóvão nunca vira um menino tão bonzinho assim na vida.

V. O Filho

O sol pôs a cara no horizonte entrecortado de barracos, alcançou em raios refletidos a janela sem cortinas e iluminou todo o quarto de Benim. Ele acordou sentindo o cheiro de café. Gostava de café, mas sua mãe nunca fazia. Esse tio era bem legal. Tinha até pão quentinho na mesa. E margarina. Diet. Os outros tios só sabiam gritar e brigar com ele. Teve um que até batia, e não batia fraco não.

- E aí, moleque? Dormiu bem? Vem cá. Dá um abraço. O tio precisa sair pra resolver umas coisas. Escova os dentes e depois toma café. Aí, você pode ver televisão, tá bom?

- Mas não tem pasta, tio.

- Tem sim, o tio comprou, e comprou uma escova nova pra você.

- E a vacina?

Cristóvão gostava daquilo. Da responsabilidade, não de aplicar a vacina. Mas com o tempo se acostumaria. A gente se acostuma a tudo, não é? Prometera a si mesmo que cuidaria bem daquele menino. É, ele podia fazer isso. Queria fazer isso.

Foi à casa de sua família e disse pra mãe que arrumara um trabalho em São Paulo. Ia pra lá tramar um tempo, não sabia até quando. Não, não precisava ligar pra tia que morava lá, ele ia ficar no alojamento da firma mesmo. Era bom que economizava no tempo e no dinheiro da condução. Fez as malas, pegou mais alguns pertences, e colocou tudo numa caixa de televisão. Saiu rua abaixo carregando a mudança. Disse pra mãe que o caminhão da firma ia passar pra pegá-lo lá em baixo na rodovia. Foi tudo muito rápido, não deu tempo da mãe ou qualquer outra pessoa encontrar furo em sua história. É, finalmente Cristóvão estava tomando um rumo na vida, pensava a mãe enquanto a silhueta do filho sumia beco abaixo. Como ela rezara por isso!

Benim se divertiu à beça naquela manhã. Escovou os seus dentes e os de todos os seus soldadinhos, até mesmo os banguelas. É que alguns perderam os dentes numa queda de avião, durante uma operação secreta. Depois, a escova virou tanque de guerra, e levou em três viagens todos os soldados do quarto para a sala, porque já estava quase na hora do Dragon Ball Z. No caminho, houve batalhas, bombas, espaçonaves, pão com margarina. Light. Era hoje o fim da luta do Trunks com o Goten, na final do torneio de artes marciais. Benim estava torcendo pro Trunks, mas sabia por dentro que o Goten ia ganhar, porque era filho do Goku. Os principais sempre vencem, ele se consolou. O mundo é assim, tem gente que tem de tudo, e tem gente que nunca vai ter nada. E Benim não entendeu que a vitória do Trunks não passou de uma barganha por brinquedos. Do que importava isso? O Trunks foi o campeão! Ele vibrou como um gol, pulando e festejando, fez até mais um furo no estofado apodrecido do sofá. E o tio chegou, trazendo uma caixa enorme, que ele pensou ser um presente.

Cristóvão compartilhou logo do bom humor do menino. Mandou Benim se arrumar para saírem. Enquanto isso, deu uma ajeitada em suas coisas no antigo quarto da mãe desaparecida. Agora, o seu quarto. Foi ver se o sobrinho já estava pronto e o menino estava todo atrapalhado tentando vestir um agasalho todo desfiado e fedendo a mofo. Contou a ele que iriam almoçar, e depois iriam pra praia, que era pra vestir algo fresco. Procurou no baú de Benim. Tudo fedia a mofo, coitado. Achou uma bermudinha e uma camiseta surrada que serviriam. Disse que podia ir de chinelo mesmo. Procurou um pente para penteá-lo, mas não encontrou. Buscou o seu. Como era fácil pentear cabelo liso!

Benim era só empolgação por estar indo à praia. Lembrava de ter ido uma vez, com a mãe, e era um lugar muito divertido, cheio de areia e água e crianças e de coisas pra brincar. E tudo era uma grande aventura para ele. Arrastar-se sob a roleta do ônibus, pra não pagar passagem. Pegar fila no restaurante popular, pra almoçar. As construções de areia, as conchinhas, os tatuís, a água salgada, as águas-vivas. Mas o melhor mesmo era brincar com o tio. Ele era engraçado, fazia umas caretas, e levava de cavalinho, e ia lá no fundo, aonde as outras crianças não iam. Quando vinha uma onda, ele pulava bem alto e Benim gritava como um astronauta. O tio também conseguia cavar buracos tão fundos que chegava sair água lá embaixo. E depois ele enterrava o sobrinho lá dentro... e só ficava a cabecinha de fora. E, pra completar a alegria, eles correram atrás de um siri.

Benim dormiu no colo do tio na volta pra casa. Também pudera, depois de tanto pegar fogo na praia. O coitado devia estar morto de cansaço. O arrebol do fim do dia refletia na janela do ônibus. Os raios refratados ganhavam cores diante dos olhares

perdidos de Cristóvão, mas ele nem prestava atenção, olhava um horizonte diferente, afagando os cabelos do menino, pensando na vida, na estranheza das coisas que estavam acontecendo, e no quanto elas lhe eram agradáveis. Uma casa sem gritos, um mundo do seu jeito, um reino em que era obedecido, um menino tão bom como nunca se viu, um leque aberto de opções que nem conseguia compreender.

O que eles fariam no outro dia? Cristóvão queria levar Benim no estádio, mas nem sabia quando seria o próximo jogo do time da cidade. Queria ensinar tudo de futebol pra ele. Sempre fora o craque do bairro, mas nunca teve chance de seguir a carreira. Mas Benim teria. Benim seria o maior meio-campista do mundo. Camisa 10, que nem o Zico. E seria flamenguista, é claro. E faria aqueles gols de bolas milimetricamente colocadas no ângulo. Cristóvão mesmo o ensinaria a chutar. E lhe compraria o primeiro par de chuteiras, e uma bola, meião, calção, camisa rubro-negra. Quando será que o time da cidade ia jogar?

Benim emendou a tarde e a noite num sono delicioso de se assistir, mas Cristóvão não pôde ficar. Aproveitou o ensejo pra sair e trabalhar um pouco, afinal, agora tinha uma casa pra sustentar, e um filho pra criar. Não dava mais roubar televisões, pois não poderia dar as caras na loja do tio, já que estava oficialmente em São Paulo. Então, optou pelo clássico. Foi pras ruas escuras e estratégicas do centro, por onde passavam os playboys bêbados e desavisados, saindo das baladas com seus celulares caros e carteiras cheias de grana e cartões de crédito. O risco era bem maior, é verdade. Mas muito além de não ter remorso de roubar playboy, Cristóvão sentia até um certo prazer de justiceiro, quase um Robin Hood.

Entre um transeunte e outro, lembrava que bem distante dali, num casebre de periferia, dormia um menino que só tinha a ele no mundo. Não! Que ainda bem que tinha a ele no mundo. Com o dinheiro daquela noite, quantas coisas não fariam no outro dia? Podia levar Benim a um parque de diversões. Algodão doce, maçã do amor, pipoca, salgadinho. O menino ia se sentir no paraíso! Coitado, mas ele não podia comer essas coisas. Mas podia brincar. Carrossel, roda-gigante, tromba-tromba, barquinho. E também ele, Cristóvão, que nunca andara de roda-gigante na vida. Também podia levar Benim ao circo. Circo era o que Cristóvão mais gostava quando criança. Mas não daqueles que só têm palhaços contando piadas sem graça. Ele jamais contaria a ninguém, mas morria de medo de palhaços. Aquelas caras que não perdiam o sorriso nunca. Sorrisos falsos, tristes, ele sentia de longe. Não, não. Queria um circo daqueles de trapezistas, malabaristas, equilibristas, e gente cuspidando fogo, mulheres sendo cortadas ao meio, e aquele cara que enfrenta os leões.

VI. Espírito Santo

Mas a lua estava clara demais aquela noite, ou a iluminação do centro havia melhorado muito, ou foi só uma noite de muito azar. Bem, fato é que Cristóvão quase não conseguira grana. Na verdade, descontando o dinheiro dos coletivos e do hot-dog, mal daria para ele e Benim passarem o dia seguinte. Um dos assaltados chegou ao cúmulo de só ter sete reais na carteira! Sete reais, é brincadeira? Não pagava o risco. É, o parque, o circo, a chuteira, o meião, a bola iam ter de esperar. Outras noites viriam, e seriam diferentes. Foi só uma noite de azar. Não iria desistir de nenhum plano, só ia aguardar o momento mais propício. E Benim tinha a vida toda pela frente, Cristóvão não precisava se preocupar em fazer tudo assim, tão rápido. Na pracinha do bairro vizinho tinha um parquinho.

- Você quer ir ao parque com o tio?

- Na roda gigante?

- Não. Esse é um parque diferente, mas também é um lugar muito bonito. Tem muitas árvores, gangorra, escorregador, balanço...

- Não tem macaco não, né, tio?

- Tem não. Mas você tem medo de macaco, Benim?

- Ah, só dos macacos Sayajins, sabe? Aqueles que o Goku vira.

Não eram os brinquedos do parque, Cristóvão percebeu logo, que tornavam as brincadeiras divertidas. As gangorras e os balanços sem acentos não podiam ser usados. Nem os escorregadores enferrujados. Mas ensinou Benim a subir em árvores. A caçar borboletas. A assoviar como os passarinhos. A tarde acabou. Colocou Benim pra dormir com um beijo na testa e saiu pra trabalhar.

Voltou pela manhã com os pães franceses, aplicou a insulina, e caiu no sono vendo desenho animado com o sobrinho. De tarde, resolveu que ia falar com Quênia. Desde que entrara na casa de Benim, nunca mais falara com ela. Mas Quênia não era do tipo grudenta, que liga toda hora, ou que gosta que liguem toda hora. E Cristóvão sabia que sua mãe já teria contado à bem quista futura nora que ele estava trabalhando em São Paulo. Ia no dia seguinte, que era sábado. Ia falar que veio de São Paulo especialmente para vê-la. Ia até ser romântico o reencontro. Quênia era do tipo que gostava de um romantismo.

- Porra, Cris. Você some, não liga, não dá notícia. O que você tava pensando? Que ia chegar e eu ia te receber de braços abertos? Eu fiquei preocupada, meu! Pensei até que tinha acontecido algo, Deus me livre! Aí vem a coitada da sua mãe com uma história de emprego em São Paulo. Que porra é essa, Cris? Você nunca procurou merda de emprego nenhum em São Paulo que eu sei. Você nunca procurou emprego nenhum na vida, você é o maior folgado do morro. Que porra é essa, Cris? Você está de rolo com outra, não é?

- Você tá louca, princesa?

- Louca? Então cadê a passagem do ônibus? Você não veio de São Paulo? Hã?

- Passagem? Sei lá, joguei fora, eu não sei. O que é isso agora, princesa? Você nunca foi de ciúmeira.

- Ah, essa é boa. Ciúmeira é uma coisa. Fazer papel de otária é outra muito diferente, meu nêgo. Se você acha que eu vou aceitar assim, fingindo que está tudo bem, você está muito enganado. Acabou, Cristóvão! Acabou.

- Você tá louca, princesa!? Você não sabe o que tá falando! Não tô ficando com mulher nenhuma não. Porra, tô trabalhando, foi você quem disse que eu precisava arrumar um emprego, pensar no futuro, no nosso futuro. Arrumei. Tô lá tramando igual burro de carga, e é isso o que recebo em troca?

- Vem com outra, meu nêgo, que essa não está colando. Com o que você está trabalhando? Onde é? Dá um número de telefone pra eu ligar lá e confirmar.

- Queninha, vou ver a minha mãe que eu ganho mais. Quando você esfriar a cabeça, me procura. Só queria te dizer que estava com saudade. Você é a minha princesa, que estou fazendo esse sacrifício por você, pelo nosso futuro... Pelo amor que eu te tenho.

- Amor o caralho, Cristóvão! Ei! Aonde você vai? Espera aí, Cris. Espera aí, também não é assim. Vamos conversar. Cris...

Cristóvão sabia como era a namorada. Falava tudo na cara. Não era dessas fofoqueiras fingidas que fingem estar tudo às mil maravilhas na frente da pessoa e basta dar as costas para começarem a inocular todo o veneno das ventas. Sabia que Quênia era assim, estourada, que não escondia mágoa, que não silenciava pensamento. Gostava daquele jeito esquentadinho dela. Até achava um bocado sexy. E, mais tarde, quando ela colocasse a cabeça no lugar e o procurasse, a reconciliação se daria aos beijos e amassos. Quem sabe, agora trabalhando, ele não conseguia levá-la pra cama? Seguiu excitado para a casa da mãe.

Mas Cristóvão sabia também que não podia posar excessivamente de vítima. Quando ela o procurasse, ele também precisava ceder. Podia não ser um emprego de fato, só um bico temporário. É, diria isso. Telefone? É que era pra trabalhar de segurança de figurão, coisa confidencial, não podia revelar telefones. Mas ela poderia voltar pra São Paulo com ele, pra conferir se ele estava falando a verdade. Cristóvão sabia que Quênia tinha as raízes plantadas em Santa Cecília e confiava que ela não tiraria os pés de lá por nada.

Foi absorto na atividade de lapidação das suas desculpas e justificativas até a casa da mãe, mas ela estava pro culto de sábado com um dos seus irmãos. O outro estava ouvindo rap no último volume, quase nem reparando na presença dele. O cachorro latindo, o sobrinho chorando, a irmã e o cunhado amancebados no quartinho do fundo. A escuridão diurna diluída entre as paredes do barraco e o espírito sombrio que permeava as frestas e os olhares cansados daquilo tudo.

O que Cristóvão podia fazer, se não esperar Quênia se arrepender de tê-lo tratado daquele modo hostil, e vir se redimir? Queria tanto beijá-la, acariciar-lhe o rosto, os peitos, a barriguinha, cheirar-lhe o cangote. Puxa, ele estava em São Paulo trabalhando, ela devia ter levado isso em consideração. Não era mais um desempregado coçando o saco. Era um respeitável trabalhador do Brasil!

O cachorro achou um osso pra roer, e foi se esconder em algum beco com ele, certamente temendo ser roubado. O sobrinho dormiu, coitado. O irmão rapper saiu com a turminha. A mãe chegou, fez umas orações de agradecimento e mais um monte de perguntas, e foi tratar de fazer o almoço. Os amancebados continuaram amancebados. E Quênia veio procurá-lo, como ele sabia que ela faria.

- Cris, é o seguinte. Essa história de emprego em São Paulo não me desce pela garganta, mas quem sou eu pra te crucificar. Se for verdade mesmo, que bom, Cris, que bom. Que bom que você está dando um jeito na sua vida. Você não podia continuar daquele jeito. Mas, quanto a nós dois, acabou, Cris. Se foi por outra, ou se foi por um emprego, porra, você nem me procurou pra falar uma palavra sequer, pra avisar que ia viajar, pra dar um tchau, a menor satisfação! Que consideração é essa? Não é isso o que eu espero de um namorado, porra. Gosto de você, e você sabe disso. Mas só gostar não basta. Cadê o compromisso? Cadê o respeito? Eu espero muito mais do homem com quem eu for dividir a minha vida.

- Princesa, não faz isso comigo.

- Acabou, Cris.

- Eu admito que pisei na bola, mas me dá uma segunda chance, por favor! Eu te imploro.

- Pra quê? Pra você sumir de novo? Aposto que amanhã você volta pros braços de São Paulo, ou da outra. E eu, como fico?

- O que você quer? Quer que eu fique? Eu fico. Eu largo esse serviço de São Paulo na hora, se você me pedir. Só entrei nessa de tramar por sua causa, princesa. Se você quiser, eu nem penso duas vezes, largo tudo. Você é a coisa mais importante da minha vida.

- Não adianta, Cris. Mesmo que você fique, sou eu quem vai embora agora. Eu também preciso dar um jeito na minha vida. Isso aqui não dá futuro pra ninguém. O que eu vou ser daqui uns anos, porra? Ainda vou estar ralando atrás de um balcão? Ou será que já terei sido promovida à caixa? Não é isso que quero pra minha vida, meu nêgo. Decidi que vou aceitar aquela proposta do meu tio do Espírito Santo, de ir pra lá, trabalhar com ele. Pelo menos lá vou ter perspectiva de crescimento na vida.

- Porra, Espírito Santo, princesa? Isso é longe pra cacete!

- Que diferença vai fazer pra você? Você vai estar em São Paulo. Além do quê, não estamos mais juntos. E quem sabe eu não encontre por lá um homem direito, que me leve a sério, que se importe comigo de verdade? Que fale comigo antes de viajar.

VII. A Mãe

Era fim de tarde, o sol já se escondia em seu buraco habitual lá pelos lados do oeste, enquanto na outra direção descia o morro Quênia, se valendo da concavidade da viela para desaparecer do alcance dos olhos naufragos de Cristóvão. Ele não sabia o que fazer. Pensou em correr atrás dela, em se jogar a seus pés, implorar, pedir perdão, de joelhos, contar a verdade, todas as verdades. Era a mulher que ele desejou para sempre ter ao seu lado indo embora, e ele não podia fazer nada.

Cristóvão foi pra casa, procurar conforto para suas lamúrias nos ouvidos da mãe. Foi pedir pra ela intervir. Quênia havia de escutar a sogra, as duas sempre se deram tão bem. Se ele não merecia uma segunda chance como namorado, certamente sua mãe mereceria como sogra. Mas o que Cristóvão ouviu de sua progenitora foi uma tesourada no cordão umbilical. Ela disse que Quênia estava mais certa de aceitar o trabalho fora, e que aquele namoro não ia mesmo dar certo. Cristóvão não era homem para Quênia. Era duro dizer isso a um filho, mas se alguém tinha de dizer, era bom que fosse a sua mãe. Aconselhou o filho a agarrar sua chance no trabalho em São Paulo, pra estabilizar a vida, ajeitar um canto pra ele, a arrumar um outro rabo de saia por lá, pra esquecer a ex-namorada.

- Que ex-namorada, mãe? Endoidou? Eu não vou desistir da Quênia! Mas não vou mesmo! Ela é a mulher da minha vida. Ela só tá passando por um momento difícil, as coisas andam apertadas de grana na casa dela. Ela deve estar pensando em ajudar os pais, isso sim, mas daqui a pouco, a senhora vai ver, vamos estar juntos de novo, trazendo os nossos bacurizinhos aqui pra passear.

Cristóvão voltou naquele sábado mesmo para casa. Sua casa. Pelo menos, a que ele sentia como sua. Sua e de Benim. O menino estava dormindo com a televisão ligada, o pescoço todo torto no braço do sofá, sem camisa naquele frio. Colocou o filho na cama. Deu um beijo de boa noite. Disse a si mesmo – em pensamento pra não acordar o menino – que, quando Benim e uma

namorada tivessem um desentendimento, ele seria o primeiro a ficar do lado do filho. Aliás, onde ele sempre ficaria. Deu outro beijo no menino e foi dormir.

Dormiu entre pesadelos. Quênia de costas indo em direção ao mar. O vento soprando o castelo de cartas que ele pensava ser de areia, os sonhos se esvaindo no ar, os sonhos que ele achava que estariam sempre lá. Acordou caindo de um precipício. Foi o impacto da queda, ou ele ouvira mesmo um barulho? Parecia que alguém havia batido na porta. Ou seria o vento? Ou seria a mãe de Benim retornando à casa? Esse pensamento tirou Cristóvão da cama. Escondeu-se no banheiro. Esperou. Não havia barulho algum além dos grilos e do cintilar das estrelas. Abriu a porta. Não havia ninguém. Devia ter sido mesmo o vento. Voltou pra cama. O inferno em sua cabeça. Agora saltitavam lá dentro as figuras de Quênia e da mãe de Benim. E ainda as palavras da sua própria mãe. Por que as mulheres sempre fazem isso? Vêm, nos dão a vida, nos dão amor, e depois se mandam, viram as costas. As mulheres que dão o mundo à luz. As mães que geram as vidas em seus úteros, que alimentam os filhos com seus corpos, Cristóvão não entendia como elas podiam fazer coisas tão cruéis no final.

Veja a mãe de Benim! Que tipo de mulher faria uma coisa dessas? Dar no pé e deixar o coitadinho pra trás, o peso que certamente ela não agüentava mais carregar. Então por que pôs no mundo? Cacete, que tipo de vadia seria ela pra abandonar um filho assim? É verdade que podia ter acontecido outras coisas além de abandono. Ela podia ter sido atropelada atravessando alguma rua. Podia estar em coma em algum hospital, ou mesmo ter morrido. Bem, se ela não estivesse com documentos ou comprovantes de endereço, como saberiam que ela morava ali ou que deixara um filho sozinho em casa? Ou ela podia ter se metido em confusão, batido a cabeça e perdido a memória. Podia estar em cana. Ou vagando como indigente pelas ruas da cidade. Talvez, ela tenha ido pra Paris com o resto da família passar férias, e na contagem dos parentes na hora do embarque, achou que estavam todos ali, sem perceber que estava esquecendo de Benim. Ou talvez ela fosse mesmo uma puta, que num dia de azar encontrou um maníaco, um assassino em série, sei lá. Talvez ela fosse só mais uma trabalhadora subempregada, explorada e mal paga, uma imigrante tentando a vida no Brasil, uma mãe solteira que criava com custo o filho, e que sumiu. Ou podia ter enlouquecido, e estar nesse instante perambulando desmiolada por mais uma cidade sem compaixão.

VIII. A Vacina

- Tio, acorda. Tio!
- O que foi, Benim? Deixa o tio dormir. Não preguei os olhos a noite toda.
- Tio, já tá tarde. Eu tenho que tomar a vacina.
- Depois o tio dá.
- Mas já tá tarde.
- Só mais dez minutos, tá bom? Depois o tio levanta e dá.

O mundo não era mesmo justo. Tanto menino chato nesse mundo! Tanto pentelho mimado, chorão, mandão, abusado. E uma maldição dessas de diabetes foi cair logo sobre aquele poço de pureza que era Benim. Menino obediente, não reclamava de nada, de fome, de frio, da pobreza, da falta da mãe, de nada. Acordara Cristóvão para pedir que lhe aplicasse a insulina vital para o funcionamento de seu corpinho imperfeito. Cristóvão levantou num susto, com a consciência pesada por ter dormido até mais tarde, negligenciando as necessidades do filho. Foi preparar a injeção, e então reparou que o frasco de insulina estava quase no fim. Nem deu pra encher a seringa com a quantidade que o médico dissera. Cacete, ele nem vira acabando! O que faria na segunda-feira? Bem, ainda era domingo, e ainda havia a injeção nossa de cada dia, quer dizer, a de Benim daquele dia.

Domingo é dia de futebol. Cristóvão quis recompensar Benim pela negligência na aplicação da vacina levando-o ao estádio. Viu no jornal que o time da cidade ia jogar. Foi com ele pras imediações do estádio. Nem era estádio, era só um campo com arquibancadas e um gramado horrível. Mesmo assim, o time jogava e as pessoas iam ver. E bastaria um torcedor descuidado passar por ali e Cristóvão conseguiria a grana pra entrar com Benim pra ver o jogo. Não demorou muito. Um sessentão chapado vinha sozinho por uma viela, cantando o hino do time em balbucios. Não lembraria nem do próprio nome numa emergência, e muito menos sentiria sua carteira sendo batida. Cristóvão deixou Benim com o vendedor de camisas para-oficiais do time e foi dar uma volta. Em

instantes, os ingressos, a camisa e o supermercado da semana estavam garantidos. O time da cidade ganhou. Gol de falta, no ângulo, exatamente como Cristóvão sabia que um dia Benim faria.

O menino dormiu cedo, então Cristóvão pensou que podia dar um pulo na casa de Quênia. Como quem não quer nada, sabe? Só pra dizer que estava voltando pra São Paulo naquela noite e sondar se ela já tinha desistido daquela história do Espírito Santo. Quem sabe não rolava algo mais quente? Sempre existia a possibilidade.

- Cacete, princesa! Vim aqui na paz, numa boa, conversar contigo. Isso é jeito de me tratar?

- Cris, se toda! Já disse que acabou. O que você ainda quer comigo? Vai ficar rastejando pra eu voltar? O que você quer?

- Só trocar uma idéia...

- Então, tá certo. Troque uma idéia! Vamos, estou esperando!

- Sabe... lembra aquele amigo meu, que o filho passou mal e eu te liguei de madrugada?

- É, lembro.

- Pois é. O menino tá com diabetes. E a vacina dele tá acabando, e o meu amigo não sabe como conseguir mais.

- Vacina, Cristóvão! Quem tem diabetes toma é insulina. Vacina é outra coisa.

- Vacina, insulina, vaselina, naftalina, dá na mesma. Você sabe como faço pra conseguir mais?

- Olha, fala pro seu "amigo" procurar num posto de saúde. Eles dão a insulina. Talvez tenha que fazer um cadastro, ou algo assim, mas é de graça.

- Você é a melhor, princesa. Não tem coisa nesse mundo que você não saiba! Valeu aí o toque, eu já vou indo nessa...

- Então era isso? Você só queria de mim as informações pra cuidar do seu enteado?

- Que isso, princesa? Não, não é nada disso. É o filho de um amigo. E preciso ir porque o ônibus sai daqui a pouco. A gente se vê semana que vem.

- Se eu ainda estiver aqui, né, meu nego?

- Eu sei que vai estar.

Cristóvão saiu cedo pra ir ao posto de saúde do bairro, com a paternal intenção de chegar com as injeções na hora certa de Benim tomá-las. Mas a insulina estava em falta por lá. Uma atendente muito da peituda disse que no mês que vem ia chegar, e perguntou se ele queria fazer o cadastro, se tinha os documentos do menino. Cristóvão ainda rendeu alguma conversa, mais pelos peitos da moça do que por qualquer outra coisa. Antes de ir procurar em outro posto de saúde, sondou a moça se era possível conseguir as injeções só com a receita médica, sem os documentos do menino. Ela não tinha certeza, mas achava que não.

Cristóvão foi ao posto de saúde do centro. A peituda disse que, se ele tinha chance de achar, era lá. Mas ouviu a mesma ladainha. Estava em falta. Mês que vem. Não quer fazer o cadastro? Ficou sabendo que podia comprar as injeções em farmácias. Ainda tinha o dinheiro do torcedor de quem batera a carteira. Deu pra comprar seringa pro mês inteiro. Depois dava um jeito pra comprar comida e as coisas da casa.

IX. Quênia

O frio de herança da noite e os primeiros raios de sol da aurora acompanhavam Quênia todo dia no ônibus que pegava pra ir pro trabalho. Chegava lá meia-hora antes da loja abrir, só pra não correr o risco de chegar atrasada, caso acontecesse algum imprevisto no caminho. Trabalhava numa loja que tinha a fama de ter os melhores salários da cidade para atendentes. Ralou muito pra conseguir esse trampo lá. A concorrência era grande. Recebiam currículo até de gente com diploma universitário. A coisa estava feia mesmo. E, por consequência, a cobrança sobre os empregados e o medo de perder o emprego eram maiores. Quênia mantinha os dois olhos bem abertos. Sabia que eles procuravam qualquer motivo para uma justa causa. Um dia desses, despediram uma moça que trabalhava no caixa só porque ela ficou de papo com um cliente que passava as compras.

Não era o seu trabalho dos sonhos, mas Quênia dava valor a seu emprego. Era com ele que ajudava nas contas da casa e nos remédios da mãe. Também era com ele que cuidava de si, mas ela sempre precisou de muito pouco. Materialmente, nunca foi de querer nada. O que sempre quis foi ter perspectiva na vida. Perspectiva de que isso tudo ia melhorar um dia. Mas não era o que estava

acontecendo, e ela sabia. Já havia chegado onde alguém sem estudos como ela poderia chegar. E estava qualificada para quê? Trabalhar de atendente de loja de roupas e lanchonetes fast-food?

A loja em que trabalhava era uma dessas livrarias de shopping, que vendem produtos de informática, papelaria, CDs, DVDs, e quase tudo o que você precisar. Tudo muito bonito, limpo, iluminado, aromatizado, e caro. Quênia amargava pensamentos vendo os pais levando seus filhos ali, comprando aquelas coisas que custavam mais do que o que ela ganhava por mês. Aqueles ursos de pelúcia gigantes que ela nunca teve e nem teria condições de dar para uma filha, caso tivesse uma.

Mas não era louca para ter filhos com a vida do jeito que estava. A falta de perspectiva de tudo. A mãe doente, o pai desempregado e alcoólatra. A irmã mais nova, coitada, teve um filho aos 17 anos e desde então vivia com um brutamontes que batia nela toda semana! Amizades de sorrisos interesseiros e falsidades pelas costas. O namorado que sumiu no mundo, de certo com outra. Os políticos que prometiam que iam mudar as coisas e nunca mudavam. O primo que fora assassinado semanas atrás numa briga de gangues. O salário que não chegava ao fim do mês. A impossibilidade de cultivar projetos pessoais. O mundo andava hostil demais.

Mas pensava sim, pensava numa reviravolta, uma grande virada de jogo, alguma coisa. Acreditava por instinto de sobrevivência em algo que não sabia nem definir. Não conseguia ser apocalíptica como os membros da igreja que sua mãe freqüentava, que só sabiam falar que tudo era o fim do mundo. Quênia esperava dias melhores, e sabia que teria de fazer a sua parte. Aceitar a proposta do tio no Espírito Santo era um passo significativo rumo a uma mudança. Quem sabe não daria certo? Não queria deixar a mãe doente pra trás, mas ela precisava tentar, nem que levasse a mãe com ela. Ela precisava fazer alguma coisa. Não estava bem como estava. Apenas se defendendo do mundo, dos desesperados por dinheiro se matando no mercado de trabalho e literalmente nas ruas da cidade, dos corruptos engravatados ou encapuzados corroendo tudo ao redor, os homens que só queriam saber de sexo, de aliviar as pressões de suas vidas com diversões inconseqüentes.

Não dava nem pra conversar com a maioria dos homens que chegavam em Quênia. Os caras já queriam partir logo pra dentro dela. Mas a moça sabia se defender bem. O mundo a moldara para isso, para ter uma muralha intransponível diante de si. Só conhecera um cara pra quem aliviou um pouco a defesa. Cristóvão. Aquele ladrãozinho ordinário que conhecera ainda na adolescência. Ah, mas como ele era bom de papo! Na companhia dele, ela se sentia mais otimista com relação à vida, e conversavam as tardes de sábado inteiras, sobre futuro, sobre as injustiças sociais, sobre trivialidades, sobre qualquer coisa. O danado era bom de papo. Compravam um DVD pirata na banquinha da esquina e iam ver na casa dela. Cristóvão sempre tentava avançar o sinal, mas bastava Quênia dizer não para ele respeitar o limite. E ficava com aquela carinha de cachorro pidão, que ela adorava ver.

Ela gostava dele. Aquele miserável que, do nada, sumiu. Sumiu e voltou com uma história mal contada de ter arrumado emprego em São Paulo. Todo mundo na comunidade sabia que ele era o maior ladrãozinho de merda. E ele já havia se entregado antes disso, numa emergência, quando ele precisou levar o filho da vagabunda com quem está enrolado para o hospital. Ele ligou pra Quênia pra saber o que fazer.

Aquele miserável! Ela gostava dele, e até entendia que ele levasse aquela vida marginal. Não que o apoiasse a continuar nela, pelo contrário, sempre o incentivara a mudar de vida. A vida que ali sempre fora mesmo à margem. Então, ela o entendia. Entendia até quando ele se encontrava com umas vadias pra preparar, já que ela não liberava o bem e bom. E ele tinha suas necessidades, ela entendia. Mas cuidar do filho da vagabunda? Levar o menino no hospital? Servir de pai? Ah, isso ela não admitia. Não era só sexo, Cristóvão estava sentimentalmente envolvido com outra. E isso nenhuma garota apaixonada admitiria.

X. A Embriaguez

A luz fina da manhã feria os olhos de ressaca de Cristóvão, mas ele precisava levantar de qualquer jeito pra dar a injeção em Benim. A semana passara voando, e agora eram as seringas que estavam acabando. E ele não tinha grana pra comprar mais. Mal trabalhara durante a semana, saindo com Benim pra passear pela cidade quase todo dia. O pouco que conseguiu de um otário na praia ele gastou com comida pra casa e na bebedeira da noite anterior. Foi o maior porre da vida de Cristóvão! Precisava chorar suas

mágoas. Sua mãe ligara, pagando aquele absurdo da tarifa de ligação pra celular, pra avisar que Quênia já estava com todas as coisas dela dentro do caminhão da mudança.

Não era só papo, aquela ingrata estava se mudando de verdade pro Espírito Santo! Como ela podia fazer isso com ele? Era a mulher da sua vida. Queria se casar com ela. Queria dar irmãozinhos a Benim. Queria ter uma casinha só pra eles. Como ela podia ter feito uma coisa dessas? Desalmada! Ela não tinha coração? No fim da contas, Cristóvão nem pôde ir pro boteco no qual costumava encher a cara, pois não podia ser visto por ninguém conhecido. Oficialmente, estava em São Paulo. E Quênia no Espírito Santo.

Resolveu então ir pro bar onde as pessoas que não querem ser encontradas vão. Entre teores alcoólicos dos mais variados, ele conheceu um cara chamado China, que mexia com uns negócios de falsificação. Bastaram duas cervejas e os dois já eram amigos de infância. Cristóvão explicou pra ele todo o seu caso. Aquela ingrata que lhe deixara para ir ganhar dinheiro no Espírito Santo! China contou também meia dúzia de casos de vagabundas que lhe deram o pé na bunda pelo mesmo motivo: grana. Era só verem um cara com um carrão envenenado e umas correntes de ouro que as vadias pulavam em cima. Cristóvão se exaltou em defesa de sua garota. Levantou a voz e apontou o dedo. Quênia não era dessas, era uma moça direita, moça pra casar. É que tinha conseguido um bom emprego... Mudou de assunto, pra não perder a amizade.

Cristóvão quis saber se era difícil conseguir um alvará pra ter um estabelecimento de compra e venda de televisões usadas. E também notas fiscais para as televisões. China disse que podia ver um esquema que ficasse em conta pro amigo, e lhe deu um cartão com seu telefone. Cristóvão estava cansado de precisar do tio na venda das mercadorias, de deixar parte do lucro com ele. Queria ter seu próprio negócio, ser dono do seu nariz. China deu a maior força, disse que podia contar com ele pro que precisasse. Cristóvão o abraçou fraternalmente. China era um puta de um brother firmeza.

Cristóvão voltou pra casa da bebedeira trocando os passos e os sonhos. Ser dono do seu próprio negócio, juntar uma grana, ir buscar Quênia num cavalo branco. Ah, besteira. A grana não estava dando nem pra comprar a vacina de Benim. Além das seringas e da insulina, que não eram baratas, precisava comprar comida, produto de limpeza, e uma sandália nova pro menino, a dele tinha arreventado. Ia ser difícil juntar uma grana pra ir buscar Quênia assim. Precisava expandir os negócios. Talvez, aprender a entrar na casa de rico, como lhe diziam uns chegados. Quem sabe até arrumar um trabalho careta? Ah, esse negócio de filho custava mesmo uma nota. Quênia é que estava certa, pra variar.

E, num estalo de lucidez em meio à embriaguez, a toda aquela embriaguez que vinha sendo a sua vida ultimamente, Cristóvão se tocou que não era obrigado a cuidar de Benim, a gastar toda sua grana com ele. Não era problema dele. Podia simplesmente dar no pé, como uma visita que vai embora. Benim não era seu filho. Era só um menino que a mãe abandonou em casa. Certamente, ela também tinha cansado de se matar de trabalhar pra conseguir dinheiro pra sustentar o filho. Cristóvão pensou aquilo tudo, chegou à casa onde não passava de um intruso e dormiu como uma pedra.

Acordou sob a luz fina da manhã, enfrentando a ressaca, e foi aplicar a última injeção da caixa em seu filho. Seu filho. Então, lembrou dos pensamentos da noite passada e teve vergonha de si mesmo. Foi até o quarto dele, aquela criaturinha pura e indefesa, dormindo com a leveza de um anjo. Aplicou-lhe a insulina enquanto dormia, pra que não sentisse a picada da agulha. Deitou-se ao seu lado. Sentiu seu cheiro. Deu-lhe um abraço com cuidado para não acordá-lo, e se arrependeu amargamente de ter pensado aquelas coisas.

Saiu antes que Benim acordasse. Foi pro centro, a uma loja perto da rodoviária que tinha fama de fazer qualquer tipo de negócio. Foi vender aquele tênis caro que nem acabara de pagar. Precisava levantar uma grana pra comprar mais seringas. O ar da manhã lhe fazia bem pras idéias. Parou numa padaria pra tomar um café pra espantar a ressaca. Vendeu o tênis pela metade do preço que ele valia, e comprou as seringas. Sentia-se responsável. Sentia-se, como nunca tinha se sentido antes, sóbrio.

XI. Volta

O sol alto da manhã queimava-lhe a cabeça e os pensamentos ruins. Cristóvão sentia como se fosse de algum modo a purificação. Resolvera voltar do centro até sua casa a pé, pra economizar a grana do ônibus. Era mais de uma hora de caminhada,

mas ele não tinha mesmo mais o que fazer. Aliás, tinha sim uma coisa por fazer. Quênia. Precisava ligar pra Quênia. Não podia deixar a história entre eles acabar assim. Precisava tentar consertar as coisas. Não tinha crédito no celular. Não tinha crédito com ela. Parou num orelhão. Tentou fazer um esquema que lhe ensinaram pra ligar de graça, mas não funcionou. Não era bom com essas coisas. Comprou um cartão telefônico. Ligou na casa da sogra e pediu o telefone de onde encontraria sua garota. Com toda a má vontade do mundo, a velha acabou lhe passando o número.

- Alô, Quênia?

- Quem é?

- Nem reconhece mais a minha voz, princesa?

- Cris!?! Como você conseguiu esse telefone?

- Princesa, eu não tenho muito tempo pra falar. Tá comendo unidade aqui uma atrás da outra. Então, vou logo ser direto.

Por favor, volta pra mim. Eu faço qualquer coisa, é só você dizer. Mas volta.

- Cris, já é tarde demais pra nós dois. Aceita isso de uma vez. Amanhã eu começo no emprego novo, na minha vida nova.

Quero ter uma chance, entende? Por que você também não tenta fazer a sua vida dar certo por aí? Aproveita a oportunidade desse emprego que você está agora...

- Não tem emprego nenhum, princesa. Nem São Paulo, nem nada. Eu menti pra você. Eu menti e me arrependo disso. Sabe aquele menino que tem diabetes? Então, você estava certa. Eu tive um lance com a mãe dele, mas foi coisa besta. A gente se conheceu numa noite, num bar. Eu fui pra casa dela. Foi uma noite apenas. Era pra ser só isso, só sexo. Mas no outro dia, quando acordei, ela já havia saído... pra trabalhar ou sei lá o quê. E o menino estava mal. Eu não podia deixá-lo lá naquele estado, podia? Então, eu fiquei esperando ela voltar. Mas ela nunca voltou. A mulher sumiu. O que eu podia fazer? Abandonar o menino doente daquele jeito? Eu não sabia o que fazer. Eu inventei aquelas histórias todas pra ficar tomando conta do coitado. Depois que tudo se resolvesse, eu voltaria pra minha vida normal. Mas nada se resolveu. E eu fui ficando cada vez mais envolvido. Se você vier pra cá agora, eu te mostro o menino, as injeções, os vizinhos que podem comprovar que estou tomando conta dele.

- Cris, Cris, chega! Não quero mais ouvir suas histórias.

- Mas é verdade, princesa!

- Mesmo que fosse, por que você não me contou enquanto era tempo, porra?

- Eu estava perdido, princesa. Eu quase sempre estive. Eu nunca soube o que fazer da minha vida. Sempre enfiei os pés pelas mãos. Sempre perdi tudo o que consegui. Mas dessa vez... sabe, esse menino... Foi diferente, entende? Ele se chama Benim. É um menino fantástico. E ele precisa tomar as injeções todo dia. Precisa de alguém pra fazer isso por ele. Precisa de alguém que cuide dele. E eu posso fazer isso. Finalmente encontrei algo que eu faço bem nessa vida. Cuidar desse menino. E foi aí eu te perdi. E agora eu não sei o que fazer. Não sei mais o que pensar. Eu estou quase ficando louco, princesa. Não faz isso comigo. Por favor, volta.

- Cris, essa história do menino é verdade mesmo?

- É, princesa.

- Você está mesmo ficando louco! Você se apega ao menino, aí a mãe dele volta, te bota pra fora, e como você fica?

- Ela não volta, princesa. Não voltou até hoje.

- Vai saber, Cris! As pessoas sempre voltam. A questão é que você não pode ficar com esse menino. Você não é nada dele.

Você precisa encontrar algum parente...

- Ele não tem parentes aqui.

- Então, procura a assistência social. Entrega o menino. Eles vão dar um jeito de resolver o caso dele. É o melhor a se fazer.

Você sequer tem cabeça pra cuidar de você mesmo, quanto mais de você e um menino... um menino doente.

- Você está enganada, Quênia. Você está completamente enganada a meu respeito...

- O caralho, Cristóvão! Você é um... alô? Alô? Cristóvão!?! Filho da puta! Teve coragem de desligar na minha cara!

Cristóvão voltou pra casa e o filho assistia concentrado aos desenhos na TV. Sentou-se ao seu lado. Disse alguma coisa engraçada. Fez cócegas debaixo dos seus braços. Benim adorava que lhe fizessem cócegas embaixo do braço. Gostava mais de pão de sal do que de pão de doce. Seus desenhos preferidos eram Dragon Ball Z e Bob Esponja. Também gostava do Pica-Pau, mas só quando tinha o Pé de Pano. Torcia os lábios antes de dizer não quando lhe ofereciam alguma comida que o médico proibira. Cristóvão queria tanto que um dia o filho pudesse provar os doces sabores da vida! Mentalmente, fez as contas do tempo que já estavam juntos. Era tempo o bastante para ter certeza de que pela primeira vez na vida tinha algo de verdade.

Depois do almoço, decidiu dar uma geral na casa. É, ele podia fazer isso. Quênia estava muito enganada ao achar que ele não tinha condições de cuidar do menino. No fundo, Quênia era só mais um ser humano, com qualidades e defeitos, como todos. Que diz coisas bonitas e que diz merdas. Não é porque ela disse algo que isso é verdade. Quênia era só uma humana, como ele, como as outras garotas, mesmo as que não eram pra casar. E humanos erram. E dessa vez ela estava errada.

A vizinha da frente bateu à porta. Viera entregar a roupa limpa. Cristóvão pagou o serviço e respondeu algumas perguntas indiscretas de quando a Índia ia voltar. Mas nem precisou exercitar suas habilidades de improvisação, já tinha respostas prontas. Foi guardar as roupas de Benim, e decidiu dar uma geral também no baú dele. E bem lá no fundo, todo dobrado, mofado e carcomido pelas traças, ele encontrou um papel. Era a certidão de nascimento de Benim. Ou melhor, Ben Hur. Ben Hur? Que tipo de mãe colocaria no filho o nome de Ben Hur? Será que era um nome comum no Paraguai? Não parecia um nome em espanhol. Ela, aliás, se chamava Concepción. Assunção, Concepción, até que ele passou perto.

Parou a arrumação da casa, colocou o papel sobre a mesa, sentou-se diante dele, e ficou a meditá-lo. Benim nasceu no Brasil mesmo. Filho de mãe solteira. Fazia aniversário no dia 25 de julho. Tinha quase sete anos. Cristóvão se perdeu por um minuto em todas aquelas coisas sobre Ben Hur que um papel revelava. Mas eram só letras num papel velho, não era Benim de verdade. O Benim de verdade estava ali a poucos metros, o corpo miúdo, o sorriso puro, deitadinho no sofá. Cristóvão sabia que quando ele deitava daquele jeito era porque já tinha pegado no sono há muito tempo. E esse tipo de coisa papel nenhum poderia dizer.

Sentado na cadeira desconfortável da sala minúscula da casa que tomara por sua, Cristóvão esqueceu a certidão de nascimento e começou a contemplar o filho dormindo. Foi então que lhe ocorreu o que ele mesmo chamou de “a idéia mais brilhante da sua vida”.

Acordou Benim. Disse que iam passear. Um lugar que nunca tinham ido antes. Iam ao shopping. O menino já tinha ido lá com a mãe uma vez, e lembrava ser um lugar e tanto. Foi todo saltitante pelo caminho, segurando empolgado a mão do tio, com quem achou que se divertiria muito. Mas Cristóvão o deixou no playground do shopping e foi resolver um assunto.

- Velho, não esperava mesmo essa sua ligação.
- É um assunto urgente.
- É, você disse. Se não eu nem tinha vindo. Minha hora de almoço termina em quinze minutos. Preciso voltar pro trabalho.
- Você tem um trabalho?
- É... quer dizer, o importante lá nem é o salário, fraga? É estar lá dentro, conhecer as pessoas, os procedimentos. Se você já viu como funcionam os bastidores de um cartório, fica muito mais fácil fazer as coisas...
- Você é mesmo um cara esperto.
- Mas o que há de tão urgente? Não é o negócio das televisões, é? Porque não vejo como isso pode ser urgente...
- Eu preciso de uma nova certidão de nascimento para um menino.
- Um menino? Tipo, seu filho, seu parente?
- Não exatamente...
- Velho, você não é um pedófilo, é? Ou um traficante de órgãos?
- Claro que não! Se fosse algo assim, por que eu ia precisar de um documento falso?
- Bem, eu não sei...

- É o filho de uma ex-namorada minha. Ela sumiu no mundo, e quem cria o menino sou eu. Mas é foda criar um menino quando você não tem um documento sequer pra comprovar coisa alguma, entende? As pessoas são muito desconfiadas hoje em dia. Mas se tivesse meu nome num papel, ninguém duvidaria que quero o melhor pra ele. O menino é um filho de verdade pra mim. Você pode me conseguir isso?

- Bem, é uma situação complicada...

- China, se quiser, vem comigo até o parquinho aqui do shopping ver o menino. Você vai ver que não é nada disso que você está pensando...

- Eu não estou pensando em nada, meu velho. Em nada.

- Então, você me conseguiria uma certidão de nascimento falsa?

- Falsa como? Tirar um xerox da verdadeira e adulterar os dados?

- Você pode fazer isso?

- Bem, até que sim, mas você não irá muito longe com uma dessas.

- Ele foi registrado como filho de mãe solteira. Não dá apenas pra colocar meu nome como pai? Sei lá, como se fosse o reconhecimento da paternidade do menino?

- Aí seria mais difícil, porque ia rolar um processo muito burocrático, e você ia ter de provar a paternidade, provar o que aconteceu com a mãe dele. Não, não, ia dar muita dor de cabeça. O que posso fazer pra você é te conseguir uma certidão original, lavrada em cartório, no papel certo, com carimbo e assinatura autênticos.

- Você conseguiria algo assim?

- Bem, conseguir eu consigo, mas vai depender mais de você. Quer dizer, da grana que você tiver pra investir nisso. Vai precisar envolver muita gente, fraga? E ninguém vai querer colocar o seu na reta por pouca grana.

- De quanto estamos falando?

- Velho, pra você, que é chegado, eu posso tentar barganhar no preço. Mas de qualquer forma você vai ter de pagar no mínimo uns dois mil reais.

- Dois mil?

- Bem, isso é o melhor que eu posso fazer pra você.

- Eu não tenho esse dinheiro! Cacete, China! Eu preciso fazer uma viagem urgente, mas sem documento não posso levar o menino. E eu não vou deixar o meu filho pra trás. Eu preciso desse documento. Você não pode me conseguir nada mais em conta? Se for só o lance do xerox que você falou...

- Se for falsificação grotesca, você não passa da rodoviária, velho. Qual é, não é tão difícil assim levantar essa grana. Rouba umas televisões por aí. Carro, quem sabe? Se marcar, até em bolsa de madame você consegue isso. Leva umas patricinhas pra passear em caixa eletrônico. Umas quatro e você já vai ter o quanto precisa. Sei lá! Se vira, malandro!

XII. A Velha da Casa Azul

A tarde se despidia no horizonte em saudosos raios enrubescidos, anunciando o frio que seria a lei da noite. Mas Cristóvão nem viu. Uma questão de duas mil toneladas pesava sobre sua cabeça no caminho de volta pra casa. Como conseguiria aquele dinheiro? O dinheiro que faria dele o pai de Benim. E então nada no mundo os deteria. Ah, iriam ao Espírito Santo reconquistar Quênia! E Cristóvão seria o mais feliz dos homens, ao lado de sua esposa e seu filho.

Por algum momento, passou por sua cabeça que podia estar roubando Benim. Ah, mas roubar nunca lhe fora problema de consciência, ainda mais num caso como esse, em que fazia o que achava certo. Tinha problemas mais sérios para ocupar seus pensamentos. Como conseguiria dois mil reais de uma hora pra outra? Ia precisar vender tudo o que tinha e ainda roubar muita televisão até completar o montante. Era arriscado demais. Se comesse a agir assim, entrando em casas inseqüentemente, sem planejamento, ia acabar se ferrando. Não, não queria terminar numa cela de cadeia, sem Quênia, sem Benim, sem ninguém.

Talvez arrumasse um trabalho careta mesmo. Se conseguisse um que pagasse mais do que um salário mínimo, quanto tempo demoraria pra juntar dois mil? Considerando que haveria despesas, insulina, seringas... Talvez fosse melhor adiar a viagem ao Espírito Santo atrás de Quênia. Sabia que a perderia se não agisse logo, mas ela não era a última garota do mundo. Cristóvão podia tentar se estabelecer naquela vidinha que estava levando. Já tinha uma casa, um filho. Não seria difícil conseguir uma garota. É, certamente haveria outras garotas como Quênia. Não! Nunca haverá outra como ela! Quênia era a mulher da sua vida. Se vendesse as coisas que tinha, ia ter grana o bastante pra ir atrás dela. Podia deixar Benim com a vizinha, ou com sua mãe, não, com sua mãe não, como ia explicar o que estava acontecendo? Também podia entregá-lo ao juizado de menores. Cuidariam bem dele. Ou não? Não, jamais faria isso! Benim era seu filho!

Podia conseguir um carro emprestado e ir dirigindo com Benim até o Espírito Santo. Só com muita falta de sorte iam lhe parar na estrada e pedir os documentos do menino. E, mesmo nesse caso, ele podia dizer que era um sobrinho, ou filho de um amigo. É, isso podia dar certo. Mas quem lhe emprestaria um carro? Será que era fácil roubar carros? Devia ter aprendido essas coisas antes.

Quando chegaram ao beco, já era noite. O frio fazia Benim bater queixo, coitadinho, estava até com os lábios roxos. A velha da casa azul estava sentada à janela, com um olhar sinistro e um agasalho preto que lhe dava a aparência de uma verdadeira bruxa. O menino se agarrou em Cristóvão quando a viu. Ela era do tipo que realmente mete medo. O menino empacou – como um animal acuado – e Cristóvão o pegou no colo. Passaram pela casa azul bem rápido, para se abrigarem na privacidade de casa, mas quando chegaram lá, qual foi o susto do homem com a criança nos braços: a porta estava entreaberta. Cristóvão estremeceu como se lhe tivessem tirado o chão e lhe caíssem na cabeça as estrelas do céu. Entendeu logo que a mãe de Benim havia voltado! Quênia estava certa! Logo agora, quando estava a poucos passos de resolver a sua situação com Benim, logo agora a vadia resolve voltar! Ah, ele já estava apegado demais ao menino para considerar a hipótese de perdê-lo.

Sem nem um pio, Cristóvão deu meia volta com Benim, já planejando fugir aquela noite mesmo. Não entregaria o menino. A mãe desnaturada nunca saberia o que tinha acontecido ao filho. Mas e se ela fosse à polícia? Se colocassem cartazes de desaparecido por toda a cidade, como os do menino Brasil? Se colocassem um retrato falado seu na televisão? Ladrão de filho dos outros. E se Quênia soubesse de algo a respeito? Agora que ele já tinha contado tudo a ela, até mesmo o nome do menino.

Cristóvão precisava voltar lá e resolver essa situação de uma vez por todas. Mas não levaria Benim. Não poderia correr o risco. Vai que a mãe o toma. Vai que o menino preferia ficar com aquela vadia a ficar com ele... Os filhos têm disso, de preferirem sempre a mãe. Não, não levaria Benim. Deixaria o menino seguro em algum lugar. Que lugar? Foi quando a velha da casa azul chamou:

- Ei, rapaz, vem aqui!

- Não, tio, não vai lá não. A minha mãe falou...

- Deixa de vontade, menino. Vem cá, rapaz!

- O que foi, dona?

- Você viu lá, não viu?

- O quê?

- Que entraram na casa da Índia.

- Entraram? Quem entrou lá?

- Deus é testemunha que eu não sou de dar notícia da vida dos outros... Se fosse pra Índia, eu não falava era nada. Ô, mulherzinha sem tipo! Nunca fui com a cara dela! Vê o jeito que ela tratava esse menino! Mas a gente tá vendo você aqui esses dias, o jeito que você trata bem do bichinho. Uns ainda ficam cabreiros porque nunca te viram aqui antes da Índia sumir, nem acreditam que você é cunhado dela, mas nem Jesus Cristo agradou a todos. Eu só sei é que pro menino isso tá sendo bom. Não tá certo colocar filho no mundo e deixar assim, não. Por isso é que eu vou te falar que entrou lá, rapaz. Foi o Rondon. O Rondon, da farmácia ali de baixo.

- Mas ele entrou... Como assim?

- Ele bateu, berrou, aprontou a maior gritaria atrás da Índia, gritou tudo quanto é nome. Aí, como ninguém atendeu, ele meteu o pé na porta e entrou. A gente aqui do beco viu o safado fazendo isso tudo, mas a lei aqui é que cada um cuida do seu. Vai saber se um vagabundo desse não tá armado? Se você tenta ajudar uma alma nesse mundo, pode acabar levando um tiro nas fuças.

- Ele ainda tá lá?

- Não, já foi faz tempo. Só entrou, pegou a televisão e saiu.

- A televisão?

- É, saiu falando que era dele, que ele tinha emprestado pra Índia, que tava precisando dela de volta. Precisando é nada! Aposto que vai vender pra comprar droga. Isso aí, rapaz, isso aí é gente que não presta. Ele, a mãe desse menino...

XIII. A Televisão

Era tão glacialmente noite que ninguém se lembraria de todo o calor do dia que se dissipou no ar como lembrança vaga. O que ficou foi o frio nos ossos, e Benim a chorar. Cristóvão não sabia se o menino chorava por ouvir a velha da casa azul falar aquelas coisas ruins mãe dele, ou se por ficar sabendo que perdera a televisão na qual via desenhos, a coisa que ele mais gostava de fazer. Que tipo de criatura desalmada tiraria de uma criança a televisão na qual ela via desenhos? Talvez, só chorasse de medo da velha bruxa. Podia ser o que fosse, até mesmo uma santa, mas que tinha cara de bruxa, ah, isso tinha.

Cristóvão levou Benim pra casa. Pra tentar acalmar o choro do menino, e pra ver o que de fato acontecera lá dentro. Entraram pela porta arrombada, e encontraram uma arruaça só! Um furacão havia passado por ali. Não bastasse ter levado a televisão, o desgraçado ainda tinha feito o maior estrago. Derrubou todas as coisas, chutou os brinquedos, quebrou pratos, um animal! Só podia ser um animal.

Cristóvão colocou Benim na cama. Ainda era cedo pra dormir, mas o que mais o menino ia fazer se não tinha televisão pra ver? Chorou o resto das lágrimas no travesseiro, sob o mimo das mãos calejadas de seu protetor, que dava tapinhas de ninar em suas costas magricelas. Dormiu. Dormiu aquele sono tão leve que só um inocente poderia dormir. E isso era o que havia de mais raro no mundo em que vivia: inocentes. Dormiu como o anjinho que era, Cristóvão pensou.

Então era chegada a hora de resolver aquela quizila. Tentou dar um jeito na porta, mas não conseguiu. Só sabia arrombá-las. Não lembrava qual tinha sido a última vez que tentara consertar alguma coisa. Deixou-a cerrada mesmo. Foi até a casa azul da bruxa. Queria saber onde esse infeliz chamado Rondon morava. A velha tentou dissuadi-lo, era melhor ver aquilo no outro dia, com a cabeça fria, temia que algo de ruim acontecesse no sangue quente dos acontecimentos. Cristóvão disse que tinha de ir o mais rápido possível, antes que o infeliz vendesse a televisão. Falou mal dos drogados e vagabundos como Rondon, e ganhou a simpatia da vizinha.

Rondon não morava muito longe. Um outro beco ali da vila mesmo. Cristóvão chegou lá num pulo, tomado por pensamentos sobre o que ia fazer quando chegasse lá. Sua casa havia sido roubada, mas não podia chamar a polícia. Também ele era um ladrão e a casa que chamava de sua era na verdade de uma mulher desaparecida. Não podia contar com ninguém. Precisava resolver a questão por ele mesmo.

As luzes do barraco estavam todas apagadas. Esperou, espreitou. Não havia ninguém, nem mesmo um grilo a cantar o frio da noite. A vizinhança moribunda. Nem cachorros a latir. Cristóvão avaliou que o melhor seria invadir a casa do infeliz e pegar a televisão de volta, resolvendo tudo do jeito que mais sabia: como um ladrão.

XIV. O Ladrãozinho Medíocre

O frio da noite lhe trouxe fulminantes à cabeça todas as recordações de espreitas a casas de beco de sua vida, todos os furtos e roubos, as ações ilegais bem e mal sucedidas, as tranquilas e aquelas nas quais o coração quase tinha alçado vôo pela boca. A sua vida. Como um álbum de fotografias, mas de invasões, assaltos, fugas, perigo latente, a sensação iminente de que tudo poderia terminar em tragédia. Era isso a sua vida. Era isso o que ele era: um ladrão.

Podia ter todos os defeitos do mundo, mas não era hipócrita. Podia não ter os valores morais e éticos que vendem como caixas de fósforos nas igrejas e escolas, nos livros de outros séculos empoeirados em suas prateleiras, mas Cristóvão tinha suas próprias convicções a respeito da sobrevivência na selva que o mundo nunca deixara de ser. Um mundo em que te dizem pra se conformar com a sua pobreza, pra se conformar com a riqueza dos que estão por cima, pra arrumar um emprego de burro de carga e carregar nas costas este mesmo sistema que te chicoteia e aprisiona, exigindo que você vá sempre mais rápido e calado. E a alfafa que te dão no fim do expediente é uma promessa de que o bom cumprimento de suas tarefas pode te levar algum dia a estar dentro da carruagem, bebendo em taças de vinho tinto o sangue dos que não tiveram chance.

Mas Cristóvão nunca acreditou nessa promessa. Nunca aceitou que devia jogar por aquelas regras. Nunca concordou com direito à propriedade. Era um ladrão mesmo. Um cretino. Sabia que era. Nem sequer se iludia com comparações a Robin Hood. Ele não roubava dos ricos, roubava de outros pobres como ele. No fundo, a despeito da luta de classes, ele sabia, todos os que compactuam com a perversão dessas engrenagens merecem ser roubados, torturados, mutilados, terem seus cadáveres devorados em praça pública por hienas e urubus. E também sabia que ele próprio merecia o mesmo fim. Merecia inclusive ser roubado. Merecia que sua televisão fosse roubada. Mas o mundo não liga nem um pouco para merecimentos. Ele era só um ladrãozinho de merda, que ia entrar naquele barraco de merda e pegar a televisão de Benim de volta.

Entrou pelos fundos, do jeito que mais gostava de fazer. Portas de fundo são sempre mais negligenciadas. Entrou, mas não encontrou a televisão de Benim, nem televisão alguma. Como? Toda casa de pobre tem uma televisão. Lembrou da irmã parcelar uma em mil vezes quando se amancebou no quartinho dos fundos com o namorado, alegando que ninguém podia viver num lugar sem televisão, dormir sem a benção de boa noite do Jornal Nacional e sonhar com a teledramaturgia que se seguia. Vasculhou o barraco todo, mas o desgraçado não tinha nada. Nem um som, um DVD, nada de valor pra compensar a televisão de Benim.

Começou uma busca mais detalhada, olhando embaixo do colchão, abrindo cada gaveta. Dentro do guarda-roupa, coberto por uma colcha velha cheirando a naftalina, Cristóvão encontrou um arsenal de caixas de remédio tarja preta e potes cheios de comprimidos avulsos. Um traficantezinho de drogas de farmácia! A má língua do povo não estava tão por fora assim. Mas um cara desses não tinha grana pra comprar uma televisão nova?

Cristóvão não poderia levar os remédios, não saberia o que fazer com eles, para quem vendê-los. Se desse um passo em falso, podia ser o fim do seu caminho. Não, não poderia levar aqueles comprimidos. Mas aquela história também não podia sair barata para Rondon. Cristóvão resolveu então que ia pelo menos sacanear os negócios dele. Jogou tantos comprimidos quanto conseguiu carregar nas mãos dentro do vaso e deu descarga. Foi buscar uma nova remessa pra mandar pelo cano, mas, enquanto esvaziava os frascos, lá no fundinho do guarda-roupa, viu uma caixa de metal com cadeado. O sorriso veio fácil: um cadeado significava que tinha valor.

Lembrava que tinha visto uma caixa de ferramentas embaixo da pia da cozinha. Pegou o martelo e começou a espancar o cadeado, mas era dos fortes, não cedia de jeito nenhum. Pegou então uma chave de fenda e, com a ajuda do martelo, a usou como abridor de latas. É, aquela grande lata de sardinha não tinha mesmo como resistir. Cristóvão arrancou com o alicate a tampa que forjara. E eis que o milho verde lá dentro eram notas de dez, de vinte, de cinqüenta, de cem. Caralho! Era muita grana. Começou a contar. Desistiu. Era melhor dar no pé o quanto antes. Recolocou todo o dinheiro dentro da caixa e fugiu como um raio, o mais sorrateiramente que pôde.

Cristóvão embrenhou-se ofegante no frio da noite. Os ossos não doíam mais. Estava em transe, levando o seu pote de ouro abraçado contra o peito, como se leva um bebê recém-nascido. Sabia que o duende roubado viria atrás dele. Precisava sumir do mapa. Rondon podia ser um traficantezinho de merda, mas com certeza havia peixe maior nessa jogada. Sacanear gangues de traficantes é morte mais do que certa. E dos piores tipos de morte que você pode imaginar. Precisava sumir naquela noite mesmo. Mas com aquela grana não seria difícil. Seria para Cristóvão um novo início.

Quanta grana devia ter lá dentro? Não queria parar pra contar enquanto não se sentisse seguro. Cinco mil? Dez Mil? Quanta grana? Não sabia ao certo, mas sabia que com ela poderia fugir para além dos domínios de qualquer traficante. Podia ir

vender água de côco numa praia paradisíaca. Podia ir criar umas vaquinhas no Pantanal. Podia investir num negócio próprio, bem longe dali. Uma loja de televisões, uma mercearia, quem sabe um bordel? Podia ir pra Colômbia, lutar com os guerrilheiros por uma causa que ele nem sabia qual era. Cristóvão sabia que tinha potencial, só precisava de uma causa. Podia ir pra Porto Rico lutar pela libertação daquele povo do domínio dos Estados Unidos. Lutar contra o imperialismo americano. É, ele podia.

Podia mudar sua vida com aquela grana. Começar a vida como ele imaginava que ela devia ser. Uma chance de nascer de novo. Era enfim uma chance. Longe dali, longe daquilo tudo, de todas aquelas pessoas.

XV. Benim

Porque era enluarada a noite, Benim não conseguia dormir. A claridade não deixava. Tentava, fechava os olhos, mas o sono não vinha. Ainda era cedo. Não sabia o que fazer. O tio tinha mandado dormir, e ele queria obedecer. Aquele tio era tão bonzinho, tão diferente dos outros, Benim se esforçava para ser obediente. Ainda mais naquela noite em que tudo estava sendo tão estranho. Nunca vira o tio tão alterado. E a velha da casa azul falando aquelas coisas... Benim não sabia o que fazer. Queria dormir, apesar da lua e do frio.

Agarrou-se ao travesseiro, e começou a chorar. Não sabia formalizar em pensamentos o que sentia naquele momento, mas o que se pode dizer é que era algo parecido com Alvíio. Alvíio por tudo aquilo ter acontecido, a mãe ter sumido, aquele tio bonzinho ter aparecido. Alvíio por não haver mais gritarias em casa, por não apanhar mais, por não ficar mais de castigo. Alvíio por se sentir protegido, por ter alguém que o pegaria no colo se ele fraquejasse. Alvíio, e uma boa dose de medo de perder aquilo tudo. Ajeitou-se no travesseiro como se fosse um recém nascido. Sentia que estava na iminência de uma grande mudança, mas era só instinto, não tinha esses pensamentos tão claros. Chorou até dormir.

Acordou e a vida era outra.

Morava num lugar muito bonito, tudo sempre limpo, arrumado, branco, e a televisão tinha tantos canais que ele nem conseguia contar. E os desenhos então? Tinha desenho que ele nunca nem ouvira falar! Um mais legal do que o outro. Toda manhã, depois de tomar a injeção, ele podia descer as escadarias perfumadas que haveria uma mesa farta de café da manhã à sua disposição. Os pães e as frutas que ele podia comer. Adoçante pra colocar no suco. Até refrigerante diet! Era uma vida muito doce.

Almoçava em lanchonetes com palhaços e brinquedos coloridos, e sempre havia alguma sobremesa sem açúcar. Passava as tardes num lugar também muito bonito. Um parque, não desses com árvores e macacos, um dentro do shopping, cheio de brinquedos e videogames e outras crianças. Tinha televisão, desenhos, filmes. Tinha até uma tia que contava estórias. Benim preferia as que tinham índios e piratas. Mas o que mais gostava mesmo era de mergulhar na piscina de bolinhas. Entre braçadas no mar de cores e esferas, ele não se preocupava com mais nada. A vida era outra. Ah, para um diabético, era doce até demais.

Até que um fim de tarde o tio veio buscá-lo no parquinho com um presente bem grandão. Disse que era uma comemoração. Estava com as malas na mão, e falava de princesas e de uma viagem pra muito, muito longe. Benim pensou que fosse para algum daqueles reinos encantados onde, no final, todos vivem felizes para sempre. O tio disse que agora ele se chamava oficialmente Benim, e ele não entendeu, pois sempre se chamara Benim. O tio andava estranho, mas muito mais legal. Pediu carinhosamente a Benim que lhe chamasse de pai.